Pesquisa, experiência e violência: uma introdução ao dossiê

Melvina Araújo[1]
Carla Campos[2]
Luana de Almeida[3]
Álex Kalil[4]

Não há como falar sobre este dossiê sem mencionar o curso Pesquisa, experiência e violência, realizado no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo (PPGCS/Unifesp) no primeiro semestre de 2024[5]. O dossiê é, em realidade, a concretização das trocas entre todos os que dele participaram e das discussões teórico-metodológicas que o constituíram, mesmo que nem todos os trabalhos dos discentes que dele participaram estejam nele incluídos. A disciplina, assim

[1]Professora Titular do Departamento de Ciências Sociais da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo e pesquisadora associada ao Institut Français de Recherches en Afrique - IFRA/Nairobi. É membro do comitê científico da revista Sources: Materials Fieldwork in African Studies e do Conselho editorial da Ciências Sociais em Revista. Coordena o projeto temático "Memória, diferença e relações", financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - Fapesp, o projeto de pesquisa "Memória, Conflito e Relacionalidade em Contextos Plurais", financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq e o Grupo de Estudos sobre Mediação e Alteridade - GEMA. E-mail: Melvina.araujo@unifesp.br. Orcid: http://orcid.org/0000-0002-9115-2653
[2]Doutoranda em ciências sociais no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da UNIFESP (SP). Pesquisa apoiada com a bolsa de doutorado regular da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Processo Fapesp número 2023/07384-0. E-mail: carla.beatriz.2304@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0009-0008-6650-4267
[3]Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), Brasil. Processo nº 2024/03157-2. E-mail: luluanaalmeida1@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0009-0007-0434-7350
[4]Doutorando em Ciências Sociais pela Unifesp. É pesquisador membro do Projeto Temático Fapesp "Pluralismo religioso e diversidades no Brasil pós-constituinte", sediado no Centro Brasileiro de Pesquisa e Planejamento (Cebrap). E-mail: alex.kalil@outlook.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-7430-7713
[5]Gostaríamos de agradecer a Giovana Lemes Campos, William Tomio Shinkai, Sued Monteiro da Costa, Kennedy Anderson da Silva Valério, Cláudia Mota, Vanessa Cândida Lourenço, Anderson Augusto Mota Serra, Beatriz Parisi, Marcos Ferreira e Thays Brito por terem, de uma maneira ou de outra, contribuído nas discussões que ora apresentamos.

como os encontros que continuaram a ocorrer por alguns meses após o término do curso, além de estimular o debate sobre modos de pesquisa, foi um espaço de compartilhamento de experiências, inquietações e dúvidas, discutidas à luz da bibliografia proposta, o que enriqueceu nossa reflexão sobre nossas relações com interlocutores de pesquisa.

Privilegiando a discussão de obras, autoras e conceitos relevantes no cenário da antropologia contemporânea, refletimos sobre o que significa produzir pesquisa desde a experiência concreta, em campo, e como essa experiência pode nos impactar — a nós mesmos e a nossos interlocutores. Dito de outro modo, foi no compartilhamento de dúvidas e anseios sobre pesquisas realizadas em contextos de violência que pudemos ampliar o "efeito etnográfico" (Strathern, 2000), resultando em textos debatidos e enriquecidos pelo grupo.

Desse espaço de colaboração e diálogo intelectual, resultaram os artigos aqui apresentados e reflexões que têm nos acompanhado no processo de elaboração dos textos, no diálogo com interlocutores e na apresentação e análise dos dados de pesquisa. Questões já um tanto discutidas na área da antropologia, como as relativas a como lidar com pessoas ou temas comumente estigmatizados e/ou foco de preconceitos, bem como aquelas que ainda não têm tido muito espaço na disciplina, como as ligadas aos processos de censura impostos por movimentos e/ou atores ligados à extrema direita, passando por aquelas relacionadas aos questionamentos sobre como tratar sujeitos de pesquisa violentos ou que cometeram violência, ganharam mais robustez no decorrer do curso.

A análise dessas questões não pode ser feita sem que consideremos o contexto no qual estamos inseridos, que nos impulsiona a olhar de maneira mais ou menos detida para determinados aspectos. Nesse sentido, o contexto político atual tem imposto novos desafios à prática etnográfica e suscitado debates sobre como proteger não apenas nossos interlocutores de pesquisa, que já eram foco de diretrizes da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep) e do Código de Ética da Associação Brasileira de Antropologia, mas também as(os) pesquisadoras(es). Embora tentativas de se coibir a realização de pesquisas em áreas indígenas ou com trabalhadores sem-terra, por exemplo, sejam praxe há muito tempo e tenham sido naturalizadas ou mesmo romantizadas, o grau de coerção tem sido ampliado e novas táticas adicionadas às já

corriqueiras. Agora, atores ligados a setores do agronegócio, da mineração e da "bancada do boi, da bala e da Bíblia" se utilizam também de instrumentos jurídicos para impedir que resultados de trabalhos acadêmicos sejam publicados. Isso implica a obrigação de termos nossos textos avaliados por advogados, além da revisão por pares, antes de serem submetidos à publicação? Tudo leva a crer que sim. Exemplo disso é o processo experienciado e analisado por Melvina Araújo (2025) relativo à censura do livro *Religião e conflito*.

Debates em torno desses temas foram enriquecidos pelos relatos de experiência das(os) pesquisadoras(es) participantes da disciplina e pelas discussões teóricas, oferecendo um terreno coletivo para problematizar dilemas éticos, metodológicos e políticos da pesquisa em contextos de violência e polarização contemporânea. A leitura e discussão de trabalhos sobre pesquisas em cenários de conflito (Apard; Maingraud-Martinaud, 2021; Dele-Adedeji, 2021) ajudaram a deslocar a violência de objeto empírico para a condição de produção do conhecimento, permitindo compreendê-la não apenas como tema investigado, mas também como dimensão que atravessa a entrada e permanência em campo. É nesse enquadramento que se insere o artigo "Ciência em tensão: pesquisas em situações de risco e protocolos de segurança em pesquisa acadêmica", de Álex Kalil (2026). Em diálogo com as experiências compartilhadas ao longo do curso por colegas e com as formulações da própria disciplina, o artigo foi se consolidando como resposta à urgência de compreender a segurança não como dimensão externa à pesquisa, mas como parte constitutiva do fazer científico, articulando protocolos e estratégias de proteção para pesquisadores em trabalho de campo e em situações de risco.

Nesse sentido, o artigo dialoga com uma agenda mais ampla de defesa da liberdade acadêmica e de valorização das condições concretas de produção do conhecimento nas Ciências Sociais. Ao sistematizar riscos e protocolos, a proposta não é oferecer um manual universal, mas explicitar princípios de cuidado, prevenção e respaldo institucional que possam ser ajustados a diferentes campos e configurações de conflito. Trata-se, assim, de contribuir para que a pesquisa crítica permaneça possível mesmo quando o trabalho intelectual seja atravessado por vigilância, hostilidade pública e pressões jurídicas.

Como apreender, transmitir e lidar com o que pode ser transmitido por silêncios, não ditos e interditos? Como lidar com a singularidade, a complexidade e a fragilidade de experiências de atores que se defrontaram — e se defrontam — com violências e, ao mesmo tempo, torná-las parte de nossos processos de produção de conhecimento? Como tratar das marcas — nem sempre visíveis — de violências vividas? Essas perguntas foram amplamente debatidas no decorrer do curso e estão presentes em alguns dos textos apresentados neste dossiê.

Um deles, "Que bom que você viveu: o trauma no cotidiano em *Que bom te ver viva (1989)*", de Luana de Almeida e Sued Monteiro da Costa (2026), procura, a partir do filme de Lúcia Murat, em diálogo com Veena Das (2020) e Janet Carsten (2007), compreender como é habitar o cotidiano após a passagem por um evento extraordinário. O filme aparece não apenas como objeto de análise, mas como um interlocutor que apresenta as marcas das violências que muitas vezes não se deixam ver, aquelas que se registram nos gestos, silêncios e construções narrativas do ordinário.

No contexto da disciplina, o texto em questão se insere nas discussões sobre como lidar com experiências de violência que muitas vezes só conseguem ser expressas nos interstícios do que não é dito. Eleger um filme como interlocutor é também uma forma de responder a uma das indagações que permearam o curso: como apreender e demonstrar experiências marcadas pela violência sem reduzi-las a dados? O filme de Murat, e o cinema no geral, não apenas documenta; ele cria, por meio da encenação e montagem, o que o relato direto por vezes não consegue alcançar, transformando-se em uma forma de produzir conhecimento sobre o que é viver depois da violência.

No artigo "Experiência e violência nos 'eventos ordinários': um diálogo entre Veena Das e Zora Hurston a partir do livro *Seus olhos viam Deus*", Marcos Ferreira e Vanessa Lourenço (2026) se propõem a compreender o impacto de eventos críticos (Das, 2020) na vida cotidiana, tomando como fonte a narrativa de Jane Crawford, protagonista do romance de Hurston. O evento crítico aqui tomado é a escravização, cujos efeitos se fazem sentir na vida cotidiana de Jane e das mulheres com as quais interage. Esses efeitos, assim como os decorrentes da Guerra da Partição, analisados por Veena Das, podem ser percebidos mais por suas ações e silêncios — considerados por Das como uma forma de linguagem — que por aquilo que é verbalizado.

Já no artigo "Para além do sim e do não", Carla Campos, Cláudia Mota e Thays Brito (2026) discutem o conceito de consentimento, tensionando seu uso como categoria central na definição da violência de gênero e sexual. A partir de três campos empíricos distintos (trabalho sexual feminino, exploração sexual de crianças e adolescentes e estupro marital), o texto evidencia os limites dessa noção, confrontando-a com dados de campo que enunciam desigualdades estruturais, vulnerabilidades e dinâmicas relacionais complexas. Ao colocar em diálogo as três diferentes pesquisas, o artigo explora um campo sensível e delicado, ao mesmo tempo que questiona um dos principais marcos normativos que organizam o debate da violência sexual.

No âmbito da disciplina Pesquisa, experiência e violência, "Para além do sim e do não" dialoga com as discussões que compreendem a violência como fenômeno inscrito nas tramas do cotidiano e das relações sociais (Das, 2020), bem como com abordagens que ressaltam a implicação ética de quem pesquisa tais temas (Martínez-Moreno, 2022). Mais do que um exercício teórico, trata-se de uma elaboração que parte também da experiência das próprias pesquisadoras nas relações com suas interlocutoras e de sua inserção nos contextos de pesquisa, relações essas permeadas por afetos (Favret-Saada, 2005) que, além de as marcarem, marcam as análises apresentadas no artigo.

A configuração da pessoa, da ação e do sofrimento no campo da violência é finamente analisada por Marco Martínez-Moreno no texto "Pessoas em descompasso: fricções morais e as políticas da vitimização", que está na seção *Pensata Convida* que compõe este dossiê. Neste texto, o autor demonstra, a partir de uma etnografia realizada em contextos de intervenção institucional sobre violência de gênero, que a reflexão sobre episódios violentos nos ajuda a perceber formas morais a partir das quais as sociedades reconhecem o sofrimento e interpretam as ações. Noutro texto, "Cosas que no están escritas en el texto: una exploración sobre la investigación antropológica con los violentos", que consta no programa do curso, o autor discute as implicações de se escrever sobre atores moralmente violentos e, a partir da experiência de ter sofrido reprimendas de colegas por tratar seus sujeitos de pesquisa dignamente, elabora a noção de "escuta atenta" (Martínez-Moreno, 2020). Esta noção se mostrou bastante frutífera para pôr em questão certos pressupostos do senso comum antropológico segundo os quais a realização

de uma pesquisa etnográfica só seria possível com a existência de empatia em relação aos sujeitos de pesquisa.

Parte dos pesquisadores que participou do curso têm como sujeitos de pesquisa atores que não se enquadram em categorias consideradas dignas de serem respeitadas. Alguns narraram seu desconforto por terem se emocionado com descrições feitas por interlocutores sobre como se sentiam quando estavam na iminência de cometer um ato violento e se viam no dilema sobre como tratá-los. Nesses casos, a noção de "escuta atenta" ajudou a balizar formas de relação com interlocutores que se enquadram na categoria de violentos.

Outra importante baliza nesse sentido é a discussão feita por Jeanne Favret-Saada e Cyril Isnart (2008), que coloca em causa a ideia de que a empatia é condição *sine qua non* para realização da pesquisa etnográfica. Para a autora, esta noção deveria ser banida da antropologia por ter significados contraditórios: pressupõe, de um lado, uma comunicação mediada por uma fusão afetiva e, de outro, um deslocamento mental do pesquisador, que se imagina no lugar do outro. Além disso, acrescenta, a empatia é parte da dimensão afetiva das relações entre pesquisadores e seus interlocutores. E onde ficam as demais facetas do afeto? Pesquisadores não podem sentir raiva, medo, desespero e humilhação?

Outras pesquisadoras descreveram como a relação com as interlocutoras de pesquisa trouxe novas formas de vislumbrar a própria experiência generificada. A experiência de ouvir descrições de torturas sexuais sofridas por mulheres com as quais desenvolvem suas pesquisas, aliada às discussões desenvolvidas durante o curso, tornou possível refletir, por exemplo, sobre a fragilidade da noção de consentimento. Além disso, questões sobre como lidar metodologicamente com a implicação subjetiva nos contextos de pesquisa e como descrever situações permeadas por silêncios e ambiguidades também fizeram parte do nosso cotidiano no curso. Veena Das (2020) aposta na ideia de que o texto antropológico precisa ser capaz de abrigar essas situações. A professora responsável pelo curso, Melvina Araújo, sugere que a literatura nos traz *insights* de como descrever essas situações, além de poder servir como fonte de dados à medida que pode dar conta de emoções presentes em determinados contextos dificilmente perceptíveis de outra forma. Essa sugestão foi colocada em prática com a inserção de textos literários no

programa e nas discussões mantidas durante o curso, e um dos resultados dessas reflexões são os artigos que compõem este dossiê.

Referências

ALMEIDA, L. de; COSTA, S. M. da. Que bom que você viveu: o trauma no cotidiano em Que bom te ver viva (1989). *Pensata*, São Paulo, v. 14 n. 1, p. 49-66, 2026.

APARD, É.; MAINGRAUD-MARTINAUD, C. Étudier la violence en Afrique: apport des sources, enjeux de terrain et considérations éthiques. *Sources: Materials & Fieldwork in African Studies*, n. 2, p. 3-22, 2021.DOI: https://doi.org/10.4000/11tad

ARAÚJO, M.. Produção de conhecimento x conservadorismo: como sobreviver na pesquisa de temas "sensíveis". *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 1-17, 2025. DOI:https://doi.org/10.25091/S01013300202500010003

CAMPOS, C.; MOTA, C.; BRITO, T. Para além do sim e do não. *Pensata*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 93-114, 2026.

CARSTEN, J. Introduction: ghosts of memory. In: CARSTEN, J., Ghosts of memory: essays on remembranceand relatedness. Oxford: Blackwell Publishing Ltda, 2007.

DAS, V. *Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário*. São Paulo: Editora Unifesp, 2020.

DELE-ADEDEJI, I. Scarcity in the study of Boko Haram in Nigeria: notes from the field (2013-2016). *Sources: Materials & Fieldwork in African Studies*, n. 2, p. 201-220, 2021.

FAVRET-SAADA, J. *Les mots, la mort, les sorts*. Paris: Galimard, 1977.

FAVRET-SAADA, J; SIQUEIRA, P. "Ser afetado", de Jeanne Favret-Saada. *Cadernos de Campo*, São Paulo, v. 13, n. 13, p. 155-161, 2005. DOI: https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v13i13p155-161

FAVRET-SAADA, J.; ISNART, C. En marge du dossier sur l'empathie en anthropologie. *Journal des anthropologues*, Charenton-le-Pont, n. 114-115, p. 203-219, 2008. DOI: https://doi.org/10.4000/jda.323

FERREIRA, M.; LOURENÇO, V. Experiência e violência nos 'eventos ordinários': um diálogo entre Veena Das e Zora Hurston a partir do livro Seus olhos viam Deus. *Pensata*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 67-92, 2026.

KALIL, A. Ciência em Tensão: pesquisas em situações de risco e protocolos de segurança em pesquisa acadêmica. *Pensata*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 14-48, 2026.

MARTÍNEZ-MORENO, M. J. "Cosas que no están escritas en el texto": una exploración sobre la investigación

antropológica con los violentos. In: JIMENO, M.; GÓNGORA, A.; MARTÍNEZ-MORENO, M. J.; OLMOS, A. (Eds.), *Antropología, violencia y actores sociales en América Latina*. Bogotá: Centro de Estudios Sociales, Universidad Nacional de Colombia, 2022. p. 279-306. STRATHERN, M. *Relations: an anthropological account*. Durham: Duke University Press, 2020.